

# Pão Nosso...

Porto, 15 de Junho de 1910.

N.º 9

## SUMARIO:

- I—OS BOIS DA DISCIPLINA ACADEMICA.
- II—UM BILTRESINHO.
- III—SOCIALISMO DE MANTO E COROA

## Os bois da disciplina academica

**Defunto Blondeau.**—A mestrança do liceu D. Manuel II.—Educar é condenar em massa.—O que já foi aquelle liceu.—Professores officaes e d'ensino livre.—A alçada de Evaristo Saraiva e Bonifacio.—Um reitor da policia.

Logo no capitulo II d'*Os Amigos do A B C*, ao IV livro de *Os Miseraveis*, se descreve o encontro do estudante honorario, Laigle de Meaux, com Mario de Pontmercy.

Dois dias antes, Laigle sofrêra dum' móvito cerebral que o impelira a entrar na aula, por acasão. «O senhor bem sabe — elle explicava — que ás vezes a gente tem destas manias.» E succedera que o catedratico Blondeau, de nariz em verruma para farrear os ausentes e olhos de nebri, riscara o estudante presente em vez de executar o que não comparecera. Tornara-se á albarda com raiva do asno.

Por desforço, Laigle pedia licença d'embalsamar Blondeau:

Aqui jaz Blondeau, Blondeau Nariz, Blondeau Nastica, o boi da disciplina, *bos disciplinae*, o molosso da pauta, que foi reto, justiceiro, pontual, rigido, honesto e medonho. Riscou-o Deus, como elle me riscou a mim.

Blondeau empalhado, Blondeau cheio de feno, Blondeau bafiento, avelado, verdoengo d'azinhavre, sobreviveu ao seu enterro. Propagou-se, deitou filharada, abotoou em florões do perfume da assafetida. O viveiro mais luxuriante de Blondeau viceja no liceu D. Manuel II, desta cidade. Com a diferença de que ali, os bois da disciplina, nem são retos nem justiceiros, pontuaes ou rigidos, mas simplesmente medonhos, como a Tarasca de Tarascon.

Metodos d'ensino, processos educativos, maneiras de classificar, premiar e castigar estudantes, só apontados são a deformar caracteres e perverter inteligencias. Saem os alunos, gagos do intellecto e com uma ideorreia palavrosa d'estarrecer.

Meio furo abaixo do liceu D. Manuel, só a montureira da Escola Medica do Porto.

\*

\* \*

A *maieutica* do ensino, cifra-se na auto-sugestão, d'ação e d'iniciativa. Mas ali — resume-se no automatismo da memoria, e na dispersão mental.

A qualidade mestra do mestre, é aquillo que Taine designava *imaginação simpatica*, isto é — a faculdade de visionar interiores d'alma. Tem por base o amor e a bondade, a mais fecunda filosofia da educação. Mas ali — o mestre é um tiranete fabricando aleijões, tolhendo actividades, sempre com o arroxo do dogmatismo e do regulamento, a psicologia dum picador que doma poldros, e a tecnica cavalariço.

Por isso, se o facto recente da condemnação em massa de 191 liceaes, irritou o publico, acendeu a imprensa, e indignou a

mór parte do restante professorado — tal acontecimento deriva, logica e fatalmente, da constituição daquelle corpo docente.

No dia 25 de março, o bicho escolastico, que no capitulo feriado é uma fera, ao saber que em Lisbôa e em Coimbra havia sueto, promoveu na 1.<sup>a</sup> hora das aulas, um arruido perturbador. «Ou comem todos, ou ha moralidade.»

A' 2.<sup>a</sup> hora, não obtendo o imperio da moralidade, calmará-se a açougada das vozes. Dois professores que arengaram as suas turmas, obtiveram socêgo immediato.

Porém os dromedarios da disciplina juraram pelo sacrilegio! Queriam um exemplo! *Con sangre entra mejor!* — assim se professava nas escolas d'Espanha, ao levar-se o discipulo á bordoadá. O conselho classificou immediatamente a creancice da algarra, como *grève*, delito a que cabem altas penalidades, e votou processo academico.

Nomearam instrutor o sr. Evaristo Saraiva, retrato de besta rancorosa, tão perfeito que nem lhé falta falar. Gisou este uma inquirição recheada de falsidades, de vinganças pessoas e politicas, d'invenções estupidas, d'acusações mentirosas, de torpêsas denunciantes — **como se tem posteriormente provado** — e concluiu pela condemnação dos 191 alunos, entre os quaes meninas de 10 a 11 annos, e penas maiores para dois delles, quando um dos indiciados nem comparecera no edificio, por se achar doente.

Unanimemente, o conselho aprova o relatorio da alçada de Evaristo e do Bonifacio da Politecnica, aquelle Bonifacio que é uma badalhoca, pescada na tina de banho do immortal *doutor Assiz!*

Mas como a publicação immediata da sentença faria com que os alunos se recusassem a entrar num concurso desportivo que o liceu promovera, sonegaram-na á publicidade, e só mais tarde a afixaram. Sobre a estupidez, — a covardia! São completos.

Andam agora a deitar-lhe tombas. Mas um processo, nulo por falta de formalidades legais, criminoso por falsos testemunhos — só pode arremessar para o banco dos réos — os juizes instrutores, culpados de burla até para com os colegas. E elle

ha-de ser conhecido do paiz, pois que vae ser requerido na Camara dos deputados.

\*

\* \*

Ora aquelle liceu do Porto, em epoca que ainda recorda aos vivos, era considerado em todo o país, pela illustração dos seus mestres.

Um grupo de professores notabilíssimos ali regia altamente o ensino. Acodem-nos os nomes de Epifanio da Silva Dias, o grammatico, e no assunto autoridade; Augusto Luso, escritor, poeta «arcadico-elmanista» cultor de sciencias naturaes, e fabulista; Delfim Maia, o combatente da Patulcia e da *Janeirinha*, com notaveis livros didacticos sobre a materia da sua cadeira.

Costa e Almeida, espiritalista, homem de retidão e de prestigio publico; o Dantas, humanista da velha raça, com as suas gargalhadas estrondosas que faziam acordar todos os poetas e prosadores da alta e baixa latinidade; Domingos d'Almeida Ribeiro, professor de grego, commercialista cujos volumes hoje ainda se acatam, sumamente bondoso, o inspirador e redator do famoso testamento do Conde Ferreira; Vitorino da Mota, perfeito mestre de mathematicas.

Cá fóra, a este grupo de professores, outro d'ensino livre correspondia, com as orientações da pedagogia moderna, homens que romperam as portas da nomeada, á força de saber, de talento, ou de acção, professores que os mestres liceaes respeitavam e ouviam, como: Julio de Matos, Basilio Teles, Alves da Veiga, Julio Moreira, Eduardo Allen.

Este ultimo, já falecido, e pouco na berra pela sua modestia, diplomara-se em Coimbra e em França, era numismata e archaeologo mui apreciado no estrangeiro, naturalista, paleografo e poliglota.

A mocidade d'então que o liceu frequentava, turbulenta, irreverente, barbuda, taluda e audaz, promovia pela cidade toda, matinadas e alvorotos que entupiam os burguezes. Mobilisaram-se mais duma vez, a policia e a guarda municipal, como no episo-

dio do p.<sup>o</sup> Sá Couto, um camêlo de tonsura e sobrepeliz que agora serviria de diretor espiritual do liceu D. Manuel.

E não fungavam os processos academicos! Tempos d'antanho! tempos d'antanho! em comparança ao entardecer d'hoje, em que até o estrume quer ser gente!

\*

\*      \*

E' que esses mestres tinham individualidade propria dentro do seu saber especializado. Ao contrario, no corpo docente atual do liceu D. Manoel, fervilham os bacharelotes para os quaes a advocacia é um deserto, e os medicastros que em Dona Disciplina praticam a operação cesareana.

O professorado daquella casa aderiu em massa ao franco-nacionalismo. E' uma caverna de reacionarios, inimigos do espirito moderno, ignorantes das hodiernas correntes pedagogicas.

Aliaz, João Franco propoz-se dominar a instrucção, e le-gou nos um Conselho Superior onde o franquismo domina, mais o fêto cabeçudo do director geral da secundaria e da superior, mais o parvajola comico do director geral da primaria.

No liceu D. Manoel lampeja o sr. Evaristo Saraiva, medico que nem a calista chega. Depois da formatura, viu-se um *raté*.

Sabia da existencia do animal cliente, por ouvido. Deitou-se á letra redonda, e rabiscou em vasconço umas literatices da pipa rosalinesca. Andava aos baldões, ao lambisco do emprego.

E como se lhe não antolhasse carreira, apegou-se a Costa e Almeida, babujando-o d'elogios na falecida *Revista dos Liceus* passando-lhe a lingua aspera como lixo nas mãos e nos pés, re-querendo a esmola duma cadeira. Obteve-a. Costa e Almeida re-ceou que o alarve lhe gastasse a magrêsa diafana do corpo, de tanto esfregão.

Evaristo Saraiva é o sindicante profissional, a quem o fran-quismo entrega os seus carretos de vinganças. A elle o nomea-ram para syndicar dum professor primario desta cidade, accusado falsamente por caciques eleitoraes, de propaganda republicana.

A Evaristo Saraiva pertence a celeberrima proposta de que nas aulas se separassem, extremado divisorias, os filhos da gente pobre, da tribu dos ricos !

Quanto ao seu character não falemos, porque este panfleto não serve de *Water-Closet*.

Emquanto no liceu D. Manuel, áspide e vibora se emprestam a peçonha contra os alunos, no corpo docente, áspide e vibora se mordem com ancia e prazer.

Do dominio publico são as discordias, as sessões tumultuarias, as intrigas em que os conselhos escolares se rasgavam á naifa. O ex-reitor Nobre, outro carrasquinho academico, tão torto de intenções como de traduções francêsas que com seu nome subscrevia tal se o original lhe pertencêra, houve de ser corrido da reitoria, depois de ruidosas peripecias.

Na vacancia do cargo, dois lentes convidados para o preencherem, recusaram-se: Os srs. Prof. Lopes Martins, e Prof. Francisco Fernandes. Pois havia porventura homem inteligente que, além de se intrometer naquelle cesto de lacraus, quizesse assumir as responsabilidades d'ensino, em estabelecimento tão reaccionario, atrazado, perigoso e insignificante?

Procurando bem, encontrou-se o sr. Oliveira Lima, papelão de quem eu julgara que durante a minha vida, nunca mais me tropeçaria nos bicos da pena.

Já duma vez lhe esboçara o perfil incarateristico da sua nulidade chapada. Mas eis que elle se revela, sob outro aspecto repugnante — a face de bufo.

Foi elle que ao quartel general denunciou, *como republicano*, o estudante militar Fernando Araujo. Este academico tem uma desgraça a pesar-lhe na vida: — ser filho do presidente da Comissão Municipal Republicana de Vila Real, e seu pae ser odiado do mandão monarchico da terra.

As funções da reitoria desceram á espionagem e á delação. Um continuo bebedo, dois vigilantes de collegios particulares, e uns padres enfuriados, cevaram os seus rancores no estudante. Toda a podridão que bolsaram, recolheu-a o reitor, servindo de cloaca maxima dos malsins da secreta.

Ter carater é a primeira condição do mestre. Ora não ha miseria que transcenda a do denunciante. O exemplo vivo do espião, está em cima. Rapazes, se quizerdes trepar a reitores, imitae-o. Mas se tencionaes ser limpos, cuspi nessa repartição policial.

Ao liceu D. Manuel faltava chave d'oiro. E' o reitor.

\*

\*      \*

Avisam-me de que professores houve a quem se deve justiça. Pois mostrem-se. E tão depressa o processo venha a lume, justiça se fará aos que a merecerem. Oxalá que muitos se salvassem!

## Um biltresinho

**Os burlistas da "Palavra," — Odios velhos. — Um idiota com prosapia. — Artur Bivar. — A "Crusada," — A "Metralhadora," — Maneiras canonicas d'extorquir dinheiro. — Uma empresa jornalística constituida em quadrilha.**

Pois senhores, inda que mal pareça, vou declarar que occasiões rarissimas remexi no enxurdeiro da *Palavra*. Creio nas infecções, e preservo-me. Tinha por principio que toda a discussão com o orgão das escorrencias venereo-jesuiticas, só de reclamo lhe servia.

Mais ajunto que nos meus ataques jornalisticos, nunca soube o que era furoar a vida intima dos adversarios. Analiso-lhes os actos da vida publica, e sobram-me retalhos. Talvez um dia me arrependa. Se tal succede, desforro-me por atacado.

Mas a *Palavra* tomou-me de ponta, osga que só me enobrece. Sempre que um inimigo odiento me elogia, desconfio que fiz asneira.

Ao tempo em que na sacristia loiolesca bebia o azeite das lampadas o comendador Cortez, fidalgo da mais snblimada linhagem, reavivaram-se os ataques. E eu, manso borreguinho, scismava:

« Tomar-me-á o fidalgo por algum crédor? »

Mordiam-me á rija. E dentadas de padre! Nem sei como não recolhi ao Instituto Pasteur.

Transcreviam-se, dum bandido com ataques de loucura furiosa, que duma cidade da provincia, á razão de dez tostões, custo de 50 exemplares, atira lama a todos os que passam sem nelle atentarem — infamias sobre infamias.

E porque a paciencia tem fim, mesmo para o martir S. Sebastião que, ao *morra* da plebe, respondeu com rima de truz, repisava eu: « Fidalgo, olha que m'as pagas em dia de nevoeiro. Então, nem que mastigues todos os teus sabões, consegues vomitar espuma. Escarras a alma. »

E ia-lhe estudando a geografia, amontoando pachorrentamente dados biograficos, um tesouro de maravilhas.

Nisto o comendador retira-se. Passa o modo de vida aos clérigos. Morta a cobra, morta a peçonha. Que curta a coirama ao sol, nos hervações do bom Deus.

Outro nobre, de tanta altêsa de sangue como Cortez — o conde de Samodães, — curiosidade paleontologica, veio servir de mono de palha á padralhada.

Por duas vezes tive de corrigir o velho, e tanto esmero de piedade e correção puz na reprimenda, que até pareciam artigos di luva di pélica, como outro fidalgo jornalista — a imprensa do Porto está toda no almanaque de Gotha! — o visconde de Cambará, usa exprimir em estilo assim puro como os seus xaropes.

Terminara *A Voz Publica*, e já então eu saíra da *Patria*, onde só por 12 dias arrastara a minha inutilidade sem emprego. Recrudesciam as insidias e calunias na *Palavra*, estercadas numa secção de soalheiro pôrco, e garatujadas por um ex-escrevente á rasa de jornaes republicanos, o qual, ao passo que salmoirava reis e monarquias, redigia mensagens de infima sabujice em louvor dum comissario de policia.

Até que o cansaço os aqamou. De repente, surge á testa da corja, um tal Artur Bivar. E recommçaram as unhadadas. Já me findou a paciencia. Agora, aguentem-se.

\*

\*      \*

Zupar no conde, vale dar-lhe passaporte de sanidade mental e d'homem vivo. Ora elle é a carcassa dum demente. Cal no esqueleto... e *amen*.

A que especie pertence o Arturinho? A' dos matoides, com queda para a propriedade alheia.

De Guimarães, por onde elle entrouxava uma esperançosa mocidade, já se metia d'acolito no sacerdocio da imprensa, um culto de má nota. Á *Palavra* remetia umas insulsas tortilhas, muito lambidas, deslavadamente pretenciosas, e supinamente asnaticas.

Num quebrar de costas, trava-se de razões, a proposito do Esperanto e do latim comercial, com o p.<sup>o</sup> Amadeu de Vasconcellos (*Mariote*) nas laudas da mesma gazeta. Mariote escorchou-o, d'alto a baixo. Pendurou-o pelas orelhas asininas e bateu-lhe no ventre para o obrigar a defecar. Provou-lhe que elle não tinha competencia nem saber algum, não possuia probidade scientifica nem probidade de nenhuma especie. Operou uma execução formal. Encontra-se na *Palavra*.

Outro que fôra, enfiava o carão no vaso da noite, e jamais saía á rua sem a mascara que ali se lhe amoldara. Arturinho, ao invéz. Cresceu dois palmos com a sóva. Pois já havia quem lhe batesse! Já lhe concediam a tolerancia duma roda de pontapés!

E quedou-se a sarrabiscar pela *Palavra* que lhe servira de pelourinho, enquanto Mariote, enojado do jornal e da camaradagem, se despedia.

\*

\*      \*

Desfiam-se meses, e Arturinho, doutorelho em não sei quê, gosmou-me umas brejeirices, num angulo da gazêta, pedindo que lhe coçasse certa impigem de reta-pronuncia.

Ora adeus, menino! Mariote deixara-lhe o lombo coalhado de mataduras. Queria alguém a sacudir-lhe as varejas. O corpo não me pedia imbecil. Receitei-lhe fumigações d'arruda e alhos-pórrros.

Sumiu-se o aproveitadinho, baldeando-se á provincia na montagem da emprêsa jesuitica *Veritas*, levando bastidão de vezes amassadelas crueis na sua ropia de kaga-tinta. Té que um dia alapa-se em Lisbôa, no coito do Portugal.

Arturinho tomara gôsto ao dinheiro. Arturinho aprendera a ordenhar a vaca da religião.

No *Portugal*, mêses e mêses, entoiria paginas zabumbando como dentista feirante. Parangonas, capitaes, normandos, berravam no cartaz. Titulo da peça: **A Cruzada. — Deus o quer.** E assinava-se *Pedro Eremita*.

«Mandem dinheiro, mandem dinheiro; vintens, tostões, notas graúdas. E' p'rá bôa imprensa. Fôlhas soltas, fôlhas volantes, fôlhas sêcas, fôlhas de lata, fôlhas de parra. A Cruzada! Deus o quer!»

Uma revoada de folhetaria com que inundava o paiz e afo-garia a jacobinagem. Um berreiro de gralhas caídas num olival.

E as beatas pingavam, pingavam os curas, aos pingos os parvos caíam.

Damas que na mocidade deram a carne ao diabo e na velhice reservaram os ossos para Deus, catolicos que mercam bulas de composição, histericas com medo de que lhes assem a alma nos espetos do inferno, onzeneiros ao divino, remetiam a ofe-renda. Pedro Eremita ensacava as mealhas, e desfazia os bofes no trom da vozearia.

Mas era tudo pelo amor de Deus! Nem um jacobino escapava!

E depois... e depois veio... a fôlha-corrida. Foi na *Palavra*, na mesma *Palavra*.

Ali se contou que o Arturinho, o *Pedro Eremita*, comia os cruzados, os pintos, o milho e a ninhada.

A Bôa imprensa era elle. Engulirá a mór parte das quantias. Refizera os pulmões tragando as fôlhas. Quem o queria não era Deus, era o Bivar. Veio na *Palavra*.

\*

\*       \*

Mas a vaca tem os uberes pojados. A seguir á esfolhada, o moço tunante inventou outra. E' fertil no genero. Nasceu com a bossa das aventuras rendosas.

A marca registada da segunda industria, intitulava-se *A Metralhadora*, e no citado *Portugal* se davam amostras de novo filão descoberto. Era, *A Metralhadora*, uma formidavel rotativa que imprimia milhares de gazetas á hora, fazia artigos e botas, e tinha talento! Um prodigio de mecanica monetaria!

Com cem mil exemplares do jornal—este matoide tem crença para a letra redonda—exterminava impios, ateus, herejes, livres pensadores e republicanos. Quanto custava o canhão? Miséria! uma sovínice de contos de reis! uma réles pitada de notas!

Catolicos, deixareis assassinar a divindade e destruir a nação, por não vasardes o pé de meia nas mãos do Artur, do Bivarzinho, temente a Deus?

Estampou-se a veronica da *Metralhadora* no periodico, engrossaram os titulos, e novamente os mealheiros se abriram. Não que os toucinhos catolicos, bem aquecidos, sempre gotejam pingue.

E sem mais tir-te nem guar-te, bate um momento em que a *Metralhadora*, as subscrições, as granadas, e o Bivar, tudo se some da frontaria do *Portugal*. Silencio e segredo!

Menino! em que bojo escondeste a bateria e o dinheiro recolhido? Bichaninho, flôr, não sejas arisco, dize... dize... que tuas falas são meiguinhas?

Entrementes, esperemos uns dias, que a verdade não tarda. E talvez no intervalo, Artur Bivar com outro pseudonimo, inicie

na *Palavra* o peditorio para compra dum almude de benzina com que se lavem as nodoas do fato do sr. conde.

\*

\*        \*

E na *Palavra* onde pontifica a mumia do nobre dos vinhos, como Cortez é nobre nos sabões, e como o visconde de Cambará é nobre nas boticadas, canta missá o Artur Bivar. Dois padres ali mandam: um tal Lopes, doutor de torna viagem, formado em gregorios pela universidade gregoriana de Roma, e o conego Correia da Silva, chefe da camarilha episcopal que traz oprimido todo o clero rural e humilde da diocése.

Os dois eclsasticos, emparceirados ao titular, par do reino, ministro d'estado honorario, afitado de penduricalhos á grossa, organisaram a *burla* dos 50 contos, aqui pormenorizada, no 3.º numero destes opusculos.

Por isso ali se defendem as roubalheiras do Credito Predial, como quem pugna *pro domo sua*, salvando a propria pele, e requerendo impunidade para os gatunoides.

Quando passo os olhos por aquelles macissos e viscosos artigos, que prégam honestidade, moralidade e honradês, só imputando aos adversarios todos os vicios, entrevejo os burlistas no banco dos reos, lado a lado desses que calcurreiam as ruas, praticando os *trucs* de bilhetes falsificados da lotaria, e das correntes de latão.

Fôra nessa França que elles abominam, e a estas horas já estariam a ferros, como succedeu aos burlistas e *escrocs*, o conego Rosenberg, o bemaventurado Gadobert, o benemerito padre Brugidon, a piedosa irmã Candida.

E bastará por hoje, santissimos varões, carne de presidio, bôa para adubos judicarios. Chegou a hora de receberdes o salario. Não estando contentes com o trôco, encontrareis sempre a repartição aberta.

\*

\*        \*

Para soprar a albugem dos olhos, aos burlistas dos 50 contos, vou citar-lhes dois textos, tendo a caridade de lhes sublinhar as passagens que os interessam.

**Codigo Penal. Titulo V. Capitulo II. Das quebras, burlas e outras defraudações.—Art.º 451.º**

«Será punido com as penas de furto, segundo o valor da coisa furtada ou do prejuizo causado, aquelle que defraudar a outrem, *fazendo que se lhe entregue dinheiro ou moveis, ou quaisquer fundos e titulos, por algum dos seguintes meios:*

3.º — *Empregando artificio fraudulento para persuadir a existencia de alguma falsa emprêsa, ou de bens, ou de credito, ou de poder supostos, ou para produzir a esperanza de qualquer accidente.»*

O art.º a que o anterior manda recorrer, é o 421.º, que no seu n.º 4.º assim reza:

—«A prisão maior celular de dois a oito annos, ou em alternativa a degredo temporario com multa até um anno, em ambos os casos, se excedeu 100\$000 reis.»

## Socialismo de manto e corôa

**Enrico Ferri e os intransigentes de cartão.—Republica e socialismo.—Raspadedelas na Historia.**

Porque um socialista italiano, Enrico Ferri, intelligencia superior e carater sem firmêsa, se arrependesse das suas passadas intransigencias, apegando-se á monarchia, e creando a nova escola do socialismo com lista civil, logo a nossa imprensa monarchica poz a grita nos ceus: — «Vejam: O socialismo abandona a republica. Isto de formas de governo é bugiganga jacobina. Falem-nos das monarchias socialistas. Ali sim! Até as migalhas orçamentaes chegam para as lazeiras democráticas!»

Enrico Ferri, em mais duma conjuntura batera polemicas dentro do seu partido com Filippo Turati, porque Ferri, modelo

d'intransigencias, nem sequer tolerava alianças eleitoraes com os partidos burguêses! Era um puro, Catão da derradeira fornada, pronto a morrer na cruz pelos principios.

Abeirou-se do trono, e succedeu-lhe como ao nosso Consiglieri, chefe republicano da casa civil d'Elrei. Mas por Jehovah! Não imaginem que eu egualo em saber e intelligencia, Ferri e Consiglieri! O primeiro é alguém na sciencia contemporanea, e o segundo um Catão de sebo.

Estes ferocissimos traga-burguêses como Ferri, andam sujeitos a abarregarem-se subitamente com os antipodas. Pulam d'extremo a extremo. Dão no mundo moral os exemplos typicos do mimetismo, e sempre... gratuitamente.

Ora os nossos gazeteiros da monarchia reaccionaria, sabem que ha, lá por fóra, um movimento chamado *socialismo*, e aferem-no pela craveira das oposições dinasticas portuguezas. Imaginam tratar-se duma escada para se trepar a ministro!

Pois não se lembraram elles de chamar ministro socialista a John Burns, membro do actual gabinete inglês! No Congresso Socialista Internacional de Londres, em 1896, famoso pela luta encarniçada que tres dias levou entre socialistas autoritarios e anarquistas, só porque alguém citara a opinião de John Burns, respondeu-lhe uma gargalhada geral. Já lá vão 14 annos!

Revertamos a Ferri.

\*

\* \*

Em julho de 1900, Gaetano Bresci assassinara o rei Humberto. Os socialistas italianos, posto que repudiassem o atentado, recusaram-se, como republicanos, a tomar parte nas cerimoniaes publicas «negando assim homenagem a um rei, mesmo prostrado no tumulo.»

Um socialista se excetuou, o deputado Marinis, membro da mèsa parlamentar, que nessa qualidade assistiu aos funeraes, e á prestação de juramento de Vitor Manuel III.

Resultado: a direção do partido socialista censurou-o, e

elle demitiu-se. Desse comité diretor fazia parte Enrico Ferri, redator da moção de censura.

Tambem agora a direção do partido repudia Ferri, como o alijs Augusto Bebel, para cujo prestigio apelara.

\* \* \*

Os partidos socialistas estatistas propoem-se um fim—a proclamação da Republica Social. E para os nossos monarchicos, tal republica equivaleria ao cesarismo democratico, o de Napoleão III, ou de Guilherme II, que, subindo ao trono, se confessou democrata-socialista-cristão. Coisa que nem o sr. Fuschini comprehendeu, apesar de bispo em socialismos, e de andar convencido de que se entende a si proprio.

O que foi a Comuna de Paris?

Responde Julio Guesde: — «A maior explosão socialista do seculo, para a universalisação da propriedade.»

Que queria a Comuna?

Ella o diz no *Journal Officiel* de 20 d'abril de 1871, na proclamação intitlada — *Déclaration au Peuple*.

— «Que se exige? O reconhecimento e a consolidação da Republica, unica fórmula compativel com os direitos do povo, e com o desenvolvimento regular e livre da sociedade»

O Manifesto do Partido Comunista, em Londres redigido no anno de 1848 por Marx e Engels, abre o periodo moderno do socialismo. Nesse documento fundamental se consigna:

«Toda a luta de classe é uma luta politica.» E na parte quarta do manifesto se determina que o proletariado se tem d'aopossar, não parcialmente, mas integralmente, dos poderes publicos.

E assim o Congresso da *Internacional* em Lausanne (1867) resolvia:

— «A emancipação social dos trabalhadores é inseparavel da emancipação politica, e a aquisição da Liberdade politica uma necessidade primaria.»

Já se vê que a logica dos nossos monarchicos conclue:

Emancipação, é a subordinação a um rei ou a um imperador. Liberdade á farta—igual a cadeia. Libertação completa—igual a penitenciaria. Eis as equações sociologicas da asneira.

O programa do congresso de Eisenach, revisto em Gotha Erfurt, assembleia em que dominavam os discipulos de Marx (262 delegados contra 110) organisou o atual *Partido operario social democratico* alemão. Que se propunha? — «A creação do Estado democratico (*Volksstaat*) livre.» — «A liberdade politica é condição indispensavel da emancipação economica, a questão social só pode ser resolvida no Estado democratico.»

E que poderá ser tal Estado? A dinastia de Bragança ou Saboia! Todos somos eguaes perante o rei, porque o rei em todos manda!

Quando Tarquinio cortava as papoilas mais espigadas, fabricava democracia do trono. E quando nós exportamos para a Espanha os jumentos alentejanos, desfazemos o socialismo de manto e corôa.

A profunda, aterradora e vastissima questão social, que traz o mundo moderno gravido de futuras revoluções, mais soberbamente tragicas do que todas as dos seculos XVIII e XIX, não passa dum dixe apertado na mão aristocratica de qualquer monarca!

Socialistas autoritarios de todas as escolas que precõnisaes uma ditadura proletaria, sindicalistas que quereis ignorar o Estado, libertarios que o desejaes destruir, plebe faminta do mundo inteiro que vos crêdes com direitos á felicidade! Ide á Italia. O grande Ferri distribue senhas para o reino dos ceos, de braço dado com o rei Vitor Manuel, um carolá que conduz o seu povo ao abraço reacionario.

Ou vinde á nossa terra. Aquí não existem problemas sociaes. De cambulhada os resolveu João Franco com a lei dos despejos, e o descanso dominical.

E quem me manda a mim perder tempo com estes bisalhos!

